
Karl August Wittfogel: um geógrafo comunista na escola de Frankfurt

Karl August Wittfogel: a communist geographer at Frankfurt School

Karl August Wittfogel: un geógrafo comunista en la Escuela de Frankfurt

Karl August Wittfogel: un géographe communiste à l'école de Franfort

Breno Viotto Pedrosa



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1441>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1441

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Breno Viotto Pedrosa, «Karl August Wittfogel: um geógrafo comunista na escola de Frankfurt», *Terra Brasilis* [Online], 5 | 2015, posto online no dia 17 dezembro 2015, consultado o 05 dezembro 2022.

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1441> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1441>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Karl August Wittfogel: um geógrafo comunista na escola de Frankfurt

Karl August Wittfogel: a communist geographer at Frankfurt School

Karl August Wittfogel: un geógrafo comunista en la Escuela de Frankfurt

Karl August Wittfogel: un géographe communiste à l'école de Franfort

Breno Viotto Pedrosa

Introdução

- 1 No presente artigo¹ pretendemos delinear algumas problemáticas em torno da trajetória intelectual de Karl August Wittfogel, um geógrafo inserido no campo da sinologia, cuja atuação como pesquisador ocorreu inicialmente no âmbito do chamado Instituto de Pesquisa Social, na Alemanha, instituição que abrigava o grupo de intelectuais conhecidos como a escola de Frankfurt.
- 2 Wittfogel, um dos mais ávidos opositores do nazismo, foi preso em um campo de concentração e conseguiu, assim como seus colegas do Instituto de Pesquisa Social, imigrar para os Estados Unidos, onde continuou sua carreira ingressando em órgãos de pesquisa e universidades. Se na Alemanha ele era um intelectual engajado e radical, sua chegada nos Estados Unidos marca uma profunda apatia política e uma assimilação pela antropologia cultural. Esse quadro apenas se altera com a conflagração da revolução chinesa, ocasião em que Wittfogel sente a necessidade de se posicionar politicamente, mobilizando seu arcabouço teórico e empírico para denunciar o comunismo como uma tentativa de restaurar o despotismo oriental de forma moderna ou industrializada.
- 3 Cabe destacar que as interpretações de Wittfogel, ao lado de outras como a de Hannah Arendt, por exemplo, tiveram um peso importante na direita e na esquerda, pois disponibilizaram interpretações sobre a gênese e o desenvolvimento histórico do comunismo, que foram utilizadas amplamente durante a guerra fria. Nesse sentido, assim como Arendt, nosso autor não abre mão do uso da categoria totalitarismo.

- 4 Analisaremos então, neste artigo, o processo de formação de Wittfogel e algumas referências que mais tiveram importância na sua trajetória intelectual. Não é possível negar que nesse percurso, Karl Marx e Max Weber são duas inspirações fundamentais para sua interpretação do oriente e do comunismo.
- 5 Infelizmente não teremos a ocasião de abordarmos como sua interpretação sobre a China e o comunismo se transformam, se compararmos o período em que o autor estava na Alemanha, período em que Wittfogel era um membro destacado do partido comunista alemão (KPD). Contudo, é importante destacar que após a revolução chinesa, estando nos Estados Unidos, ele se engaja na ala mais radical da direita, ocasião em que denuncia alguns colegas diante de comitês marcartistas. É possível demonstrar que, apesar da mudança política, alguns dos seus elementos metodológicos permearam por toda a sua carreira, principalmente, no tocante à uma valorização do chamado materialismo geográfico.

História pessoal, origens sociais e círculo intelectual

- 6 Wittfogel nasceu, em 1896, na Alemanha e faleceu, em 1988, em Nova York, nos Estados Unidos. Filho de um pastor protestante, sua militância política começa desde o ensino secundário e, quando eclode a Primeira Guerra Mundial, Wittfogel se engaja no movimento pacifista, que o coloca em contato com várias correntes do movimento socialista. Em 1916, Wittfogel estuda geografia e geologia, sendo influenciado por A. Penk, na Universidade de Rostock. Em 1917, ele se torna líder da ala pacifista do movimento *Wandervogel*, um grupo popular que pregava o retorno à natureza e à liberdade, contra as restrições sociais. Como retaliação, ele é alistado pelo exército no final da guerra (Linton, 201: 5) e, em 1918, se inscreve no Partido social-democrata independente (USPD), que simpatizava com a revolução bolchevique, mas não defendia o uso do modelo revolucionário russo para a Alemanha, assim como a liga espartaquista, liderada por Rosa Luxemburgo. Durante a militância nesse partido, ele conhece Karl Korsch, que além de se tornar célebre por seu texto *Marxismo e filosofia*, ocuparia o Ministério da Justiça no governo regional da Turíngia, em 1923 (Ulmen, 1975: 82-83).
- 7 Em 1920, o USPD se fragmenta politicamente, sendo que Korsch e Wittfogel decidem participar do Partido comunista alemão (KPD) e aprofundam suas leituras no campo do marxismo. Wittfogel, ainda na juventude, escreve uma série de peças de teatro que desfrutaram de sucesso na Alemanha. Na mesma época, trabalha como professor em Tinz e, pouco antes da revolução alemã de 1919, começa a ler alguns trabalhos de Rosa Luxemburgo (Greffrath et al., 1980: 146).
- 8 Segundo Ulmen (1975: 83), seu interesse pelo oriente se inicia devido à insegurança política, quanto ao futuro da Europa diante do primeiro conflito mundial generalizado. Além disso, no início do século XX, Richard Wilhem traduz textos clássicos da cultura chinesa. Em 1921, Wittfogel inicia sua formação no campo da sinologia com A. Conrady e Eduard Erkes, na cidade de Leipzig.² Nesse período, Wittfogel lê o trabalho de Richthofen e as reflexões de Ratzel sobre a China (Tuathail, 1996: 145). Em 1923, Wittfogel entra em contato com Felix Weil que, com K. Korsch, organiza a primeira semana marxista do trabalho, um evento que conta com a presença de G. Lukács, do próprio Korsch e F. Pollock. Wittfogel destaca-se devido ao seu trabalho com a educação de operários e, quando surge a possibilidade de organizar uma segunda semana, F. Weil

tem a ideia de fundar o Instituto de Pesquisa Social, aproveitando os recursos que seu pai dispunha em função da empresa de comércio que possuía, sediada na Argentina. Cabe destacar aqui, a influência que o socialismo Fabiano exerceu em Korsch, que esteve em Londres antes da Primeira Guerra e acreditava que a educação proletária seria o principal elemento de radicalização e mobilização das massas. O mesmo se pode sugerir de Felix Weil, pois, na sua concepção, o futuro Instituto de Pesquisa Social (instituição que é mais conhecida mundialmente pelo nome informal de escola de Frankfurt) deveria seguir o modelo do “Departamento de Investigação Fabiano” (Costa Neto, 2007: 100-103).³ Os Fabianos⁴ foram criticados por Engels, contudo, mesmo que Korsch se identifique com a social-democracia, ele era crítico aos sociais-democratas alemães, que problematizavam apenas a socialização dos meios de produção como uma perspectiva de cooptar o proletariado. De qualquer forma, isso nos demonstra como desde o início os membros do Instituto estavam envolvidos e se identificavam com a social-democracia, no entanto, alguns de seus participantes se radicalizavam a partir do diálogo e da inserção no partido comunista alemão (KPD), uma vez que tanto Korsch, quanto Wittfogel, ingressam neste partido, sendo que o primeiro deles se une à uma tendência partidária de oposição.

- 9 Diante desse contexto, Weil convida Wittfogel para participar no instituto, sendo que sua primeira esposa, Rosa Wittfogel, ocupa o cargo de bibliotecária da instituição, enquanto, paralelamente, o economista K. A. Gerlach foi nomeado diretor. Gerlach simpatizava com a sociedade Fabiana, que na Inglaterra tinha a orientação de transição lenta para o socialismo. Desde 1922, por intermédio de Korsch, Wittfogel circulava nos mesmos meios sociais de Félix Weil e Karl Grünberg, o segundo diretor do Instituto, uma vez que Gerlach morre precocemente. Grünberg tem um pensamento distante de grande elucubrações teóricas e tem como influência o marxismo de Kautsky e Engels, sendo ele professor de parte dos austro-marxistas (Jay, 2008: 41-47). Em 1926, Wittfogel publica seu primeiro texto sobre a China e pouco tempo depois, Korsch, que não foi absorvido plenamente no Instituto, se afasta devido à sua ênfase na práxis, o que, eventualmente, causa um distanciamento de seus colegas (Jay, 2008: 50-51). Wittfogel começa a estudar sob a orientação de Grünberg.
- 10 Jay (2008: 51), por exemplo, nos demonstra que Horkheimer, outro membro do instituto, desde 1919, era simpatizante da esquerda e admirador de Rosa Luxemburg, em função de sua crítica ao centralismo político bolchevique, contudo, desde a juventude, está clara sua frustração com o proletariado que, assimilado pela social-democracia, tinha a tendência a se acomodar, contrastando com o pessimismo dos trabalhadores desempregados.
- 11 Cabe ressaltar a importância das diferentes origens sociais na composição do grupo do Instituto, que será mais conhecido pelo nome de escola de Frankfurt. A grande maioria de seus membros são egressos de famílias judias ligadas ao comércio e às profissões liberais, sendo que eles se identificam politicamente com a social-democracia e guardam certas reservas no tocante à experiência soviética. Jay (2008: 70) demonstra como essa origem é comum a todos os membros do círculo interno da escola. Nesse contexto, Wittfogel é completamente diferente, pois sua família é protestante, seu pai é pastor e sua militância, gradativamente, mais radical (Jay, 2008: 52). No grupo ele era provavelmente o único geógrafo, seu engajamento político tem paralelo com a produção no campo da dramaturgia e seu interesse pela China como objeto de estudos, o que contrasta com o interesse nas elocubrações teóricas de seus pares. Mesmo que O

Despotismo oriental proponha uma teoria da sociedade oriental, lançando uma série de exemplos empíricos ao lado de elocubrações teóricas, nosso autor não deixa de lado a análise concreta. Esses elementos todos compõem um estranhamento entre Wittfogel e o restante do grupo, sendo ele visto como alguém ingênuo, não só pela sua abordagem, mas também pelo viés positivista que seu pensamento assume (Jay, 2008: 52).

- 12 Mesmo assim, o Instituto publica o seu *Economia e sociedade na China* (1931), contudo, na época Wittfogel estava em Berlim se dedicando ao teatro e à estética marxista, com trabalhos que, segundo Jay (2008: 53), têm uma inspiração hegeliana e anteciparam muitas posições de Lukács sobre a estética marxista. Não obstante, os frankfurtianos ignoraram as reflexões de Wittfogel sobre estética e mesmo que Horkheimer o incentivasse a estudar o modo de produção asiático, sua posição era distante do círculo interno do Instituto. Acrescenta-se o fato de que “na opinião desses colegas, a militância de Wittfogel era meio embaraçosa, enquanto a neutralidade política deles despertava o mesmo desdém neste último” (Jay, 2008: 53). Franz Borkenau, também contribuidor do Instituto, foi membro do Comintern,⁵ entre 1921 e 1929, e tinha uma posição afastada do núcleo duro do grupo, porém, diante desse contexto, é importante destacar que Leo Löwenthal e Adorno tinham interesse e desenvolviam estudos no campo da estética, mas aparentemente sem um diálogo profundo com seu colega Wittfogel (Jay, 2008: 53).
- 13 A relação entre Korsch e Wittfogel é profunda, segundo Linton (201: 6-7), sendo que o segundo escreve um texto chamado *A ciência da sociedade burguesa*, em que reflete sobre o papel do marxismo na educação do proletariado. Ambos autores se preocupam em salvaguardar o marxismo de um foco demasiadamente intenso na práxis, e a reação de Wittfogel é ressaltar as características científicas do positivismo, ou seja, a valorização de uma ciência rigorosa. Cabe lembrar que a obra *Marxismo e filosofia* de K. Korsch também tenta contribuir sobre a relação entre teoria do conhecimento e o papel histórico do marxismo. Para Linton (2011: 7), a exaltação dessas características demonstram sua simpatia por Weber e também sua postura política inicial mais gradualista para o socialismo. Logo após essa reflexão, Wittfogel escreve uma introdução a obra de Weber e, nessa época, enxerga paralelismos entre a burocracia oficial do Estado weberiano e a natureza estática da sociedade chinesa, em Marx. Contudo, na juventude, Wittfogel interpreta Weber como uma síntese imperfeita entre o idealismo e o empirismo, entretanto, mesmo que exista um contato com o pensamento weberiano, o aprofundamento da relação com a militância marxista, seja no campo da estética teatral, seja no ensino de adultos e na atividade política de forma geral, forja uma identificação que cada vez mais gravita em torno do marxismo ortodoxo e Wittfogel se esforça, até certa medida, para sustentar essa imagem, mesmo que ele não acredite necessariamente em um etapismo no desenvolvimento histórico (Linton, 2011: 10; Ulmen, 1975).
- 14 De qualquer forma, é importante ressaltar que para Max Weber, apenas o ocidente teria conseguido atingir uma racionalidade formal ou instrumental que daria origem ao caráter contábil do capitalismo moderno. O restante das civilizações teria conseguido apenas desenvolver uma racionalidade ligada aos valores morais, em função da importância que a religião exerceu na formação da sociedade (Segrillo, 2014: 14-15). Essa incapacidade de admitir uma racionalidade capitalista no oriente será levada por Wittfogel até as últimas consequências n’O *Despotismo oriental*, pois ele colocará a política como elemento central da dinâmica das sociedades orientais.⁶

Marx, Weber e os embates de uma geração

- 15 Ainda na passagem da década de 1920 para 1930, Wittfogel participa do comitê editorial da *Bund proletarisch-revolutionärer Schriftsteller* e contribui com alguns artigos nos jornais *Die Front* e *Die Linkskurve*. Esse último, surgido em 1929, teve maior circulação e importância, sendo que Wittfogel e Lukács eram vistos como mentores ou lideranças teóricas pelos editores do periódico (Ulmen, 1975: 88). De acordo com Linton (2011: 10), nosso autor ainda se torna, nessa época, editor da revista *Bandeira Vermelha* e frequenta a alta cúpula do partido comunista (KPD). Nesse contexto, a primeira semana do trabalho, organizada por Weil, aglutinou, em 1923, na forma de uma mesa redonda, o debate público sobre as ideias de *História e consciência de classe*, de Lukács, e *Marxismo e filosofia*, de Korsch, obras de peso que ainda não haviam sido publicadas.
- 16 Segundo Linton (2011: 12), em 1925, Wittfogel escreve um artigo intitulado *O despertar da China*, em que tece considerações sobre a revolução chinesa de 1911, ocasião em que foram proclamadas a república, e a questão da estagnação asiática.
- 17 De acordo com Ulmen (1978a: 60), é perto do ano de 1925 que Wittfogel, a partir da leitura e interpretação de Marx e Weber, conclui que a sociedade chinesa possui uma dinâmica específica e que tal funcionamento também está baseado na peculiaridade de suas condições naturais. Da mesma forma, ao aceitar a ideia de Marx que é necessário existir um controle social das forças naturais, Wittfogel começa a observar a água como elemento central da agricultura chinesa. Certamente, nessa época, ele teria acesso ao texto de Marx (1853), sobre o domínio britânico na Índia, em que ele apresenta a ideia de irrigação sugerida por Engels.
- 18 Nesse período, Wittfogel foi contemporâneo e travou controvérsias com G. Lukács. Ambos sofriam influência tanto de Weber, quanto de Marx, mas Lukács, tendo algum tipo de contato com os austromarxistas, tentou uma aproximação entre o marxismo e o neokantismo (Ulmen, 1978a: 74). Paralelamente, é importante destacar, que antes de seu engajamento no marxismo, Lukács tinha uma relação direta com Weber, tendo frequentado, entre 1906 e 1918, o grupo de estudos que se reunia aos domingos em sua casa (Löwy, 2014: 46).⁷
- 19 Lukács e Wittfogel, apesar de serem ambos influenciados por Weber, defendem leituras diferentes sobre a relação entre homem e natureza. Lukács, parte de uma visão ligada ao neokantismo, em que a fundação da sociedade inaugura uma nova esfera da realidade que sofre uma influência mínima da natureza exterior orgânica e inorgânica. Ou seja, em última instância, a sociabilidade humana é determinada por contingências históricas e sociais. A dimensão social do mundo anularia a dimensão natural e a própria natureza só existiria, objetivamente, a partir do momento que fosse socialmente apropriada. O trabalho seria o fator fundante da ontologia do ser social, englobando o indivíduo e o grupo. Lukács considera a natureza como uma categoria social ou um fetiche fomentado pela mentalidade burguesa, para existir uma maior efetividade no seu controle e extração de recursos. Wittfogel o acusa, assim como muitos outros na mesma época, de abandonar o materialismo e se utilizar da teoria kantiana do conhecimento, o que, ao seu ver, favorece a ciência burguesa.
- 20 Na interpretação de Wittfogel, Lukács inverteu a importância do modo de produção e das relações de produção, dando mais importância a estas últimas, e, ao invés de

encarar a natureza como algo independente, ele condiciona a apreensão da natureza à categoria da socialização capitalista. Para Wittfogel isso não seria o materialismo, pois não se considera as vicissitudes da relação entre natureza e sociedade na história, caindo em uma análise idealista (Ulmen, 1975: 110-113). Não seria exagero afirmar que enquanto Lukács⁸ constrói uma ontologia do ser social, baseada no processo histórico do surgimento do trabalho e da socialização do homem, Wittfogel edifica uma ontologia baseada no trabalho humano e nas condições materiais impostas pela própria natureza.

- 21 Para Wittfogel, não existiria uma contradição entre homem e natureza, pois o homem também portaria uma dimensão natural. A força de trabalho do homem não destruiria a natureza, ela apenas transformaria sua forma e, assim como para Lukács, o trabalho seria um elemento central responsável pelo desenvolvimento econômico, social e pela mediação da relação entre homem e natureza. O quadro natural oferece os elementos para compor as forças produtivas e a técnica permite que se constituam diferentes meios a cada fase histórica. De acordo com Ulmen (1978a: 95), Wittfogel, em 1931, defende que a água é um dos principais meios de produção, capaz de diferenciar os sistemas produtivos asiáticos e não asiáticos.
- 22 Lukács, por sua vez, vai sustentar até o final de sua carreira que Wittfogel assume uma postura muito próxima do positivismo, seja no tocante ao método, seja nas suas concepções. Para o filósofo húngaro, entretanto, só quando a realidade dos fatos for rompida é possível acessar a alta realidade, uma vez que os fatos empíricos estão em contradição com a verdade. Ou seja, não existe identidade entre os fatos empíricos e a realidade, a alta verdade só pode ser pensada como uma contradição dialética entre os fatos e verdade (Ulmen, 1975: 94-95). Essa postura epistemológica demonstra a presença do neokantismo no pensamento de Lukács, fato que o fez cair em desgraça temporariamente. Apesar de Wittfogel ter sido influenciado por Weber, certamente sua epistemologia não incorporou elementos profundos do neokantismo, salvo talvez no final da sua vida, momento em que alguns intérpretes vão comparar sua teoria do modo de produção asiático à uma espécie de tipo ideal da sociedade oriental. Dessa forma, estamos de acordo com a interpretação de que Wittfogel tem uma leitura positivista do marxismo, com grande ênfase em aspectos naturais, o que, por vezes, dirime a importância dos processos históricos.
- 23 Contudo, nesse momento, o jovem Wittfogel critica duramente alguns aspectos do pensamento de Weber, cuja ciência, na sua opinião, seria claramente burguesa. Sua inspiração neokantiana sobre o mundo empírico tinha como resultado um agnosticismo que causa caos científico, niilismo e a ausência de uma aproximação estruturada e sistemática da história mundial, ou seja, existiria um distanciamento do materialismo histórico (Ulmen, 1975: 98).
- 24 Sobre a acusação de positivismo, Wittfogel argumenta que o desenvolvimento da filosofia só pode ocorrer através da superação dialética do positivismo, ou seja, ele admite que a filosofia oferece um suporte para a compreensão sociológica, mas que, no limite, o marxismo é o conhecimento positivo do mundo (Ulmen, 1975: 95). Nesse debate é possível identificar a influência de Engels e Phekhânov e, de maneira velada, da reflexão que K. Korsch fez em *Marxismo e Filosofia*, obra em que o autor detecta a presença cada vez mais marcante da mentalidade cientificista e positivista no marxismo soviético. Isso nos mostra como na verdade Wittfogel tinha um pensamento criativo, mas ao mesmo tempo se esforçava para ser um bom marxista ortodoxo, seguindo a tendência soviética. O próprio Korsch criou o termo “marxismo ocidental”

para diferenciá-lo da vertente soviética, uma operação que posteriormente terá muitas repercussões na esquerda. Merleau-Ponty, por exemplo, posteriormente, o reabilita para valorizar as raízes weberianas de Lukács (Therborn, 2012: 74).

- 25 Korsch, no seu balanço sobre o marxismo, demonstra como o objetivo da leitura de Hegel e de Engels era diminuir o hiato entre ciência e filosofia e, ao mesmo tempo, revalorizar as leis da dialética. Contudo, para Korsch (1966: 85), Hegel dilui “as ciências particulares na filosofia, enquanto Engels, inversamente, absorve a filosofia nas ciências particulares”, ou seja, na interpretação a partir do pensamento de Engels, a ciência comanda a filosofia, denotando uma leitura positivista da epistemologia marxista.
- 26 Apesar disso, para Wittfogel, o conhecimento não termina em si mesmo, ele só se realiza na prática quando atinge o mundo real, reverberando a famosa tese presente na *Ideologia alemã* de Marx. Nessa época, o aprofundamento no estudo da economia política permite que Wittfogel pense a geografia econômica como ponto nodal para se pensar as ciências sociais (Ulmen, 1975: 96). Isso fica evidente que sua crítica à geopolítica se baseia quase inteiramente em uma concepção que preza exacerbadamente pela geografia econômica e seu enlaçamento com a natureza. Diferentemente de Bukharin, que seguindo a tradição do materialismo geográfico considerava o papel da natureza ao lado das técnicas humanas, Wittfogel considerava a tecnologia um fator secundário se comparado às predisposições do meio ambiente.
- 27 No entanto, como destaca Ulmen (1978a: 109), no período entre 1925 e 1932 até sua desilusão com o marxismo, Wittfogel constrói um método muito claro que consistia em estudar a China como grande representante da economia e da sociedade asiática e compara-lá com os outros países não-capitalistas. Seu estudo, de 1931, *Economia e sociedade na China*, é um aprofundamento da situação chinesa e, paralelamente, não se pode negar que *O despotismo oriental* é uma grande obra de geografia comparada.
- 28 Assim, a peculiaridade da natureza e sua reverberação na forma de produção originária, na sociedade chinesa, funda a necessidade de controle e distribuição da água, o que resulta em uma forma de organização social distinta da feudal. A irrigação pelo trabalho humano, destacado por Marx, e a burocracia hidráulica de Weber seriam complementares no pensamento de Wittfogel e se conformariam como características gerais de toda sociedade oriental. Essa é a argumentação de Ulmen (1975: 82), ou seja, Wittfogel teria sintetizado o pensamento de Marx e Weber, apesar de ter problematizado alguns aspectos da epistemologia weberiana.
- 29 Cabe um comentário muito pertinente neste momento, pois apesar de Ulmen ter construído uma biografia de Wittfogel muito rica e completa, não é possível negar que ele, sendo seu orientando, compartilhava de muitos dos seus pressupostos e posicionamentos políticos. Ao analisar sua biografia, fica nítida a intenção do autor de construir uma linha de coerência de todo pensamento de Wittfogel, ou seja, é bem provável que desde seus anos de formação ele tenha lido Marx e Weber de uma maneira aprofundada, contudo, é muito difícil afirmar que as concepções de *O despotismo oriental* já estavam em germen desde seus primeiros escritos, em 1925. Muitos sinólogos, como J. Needham, afirmam que sua obra de 1931, *Sociedade e Economia chinesa*, é muito instigante e fundamental, enquanto o *Despotismo* seria uma recriação dos preconceitos do século XIX.
- 30 Além disso, Antonio (1982: 98) relembra um argumento muito importante sobre o jovem Wittfogel: Marx foi, no passado, mais importante para o seu pensamento, uma vez

que sua influência forjou sua epistemologia, o método de análise e a práxis política. Paralelamente, Weber mostrou o papel da burocracia, mas, na medida em que Wittfogel se frustra com o Partido Comunista e com a URSS, ele relaciona a casta burocrática à estrutura do partido. Ou seja, apesar da síntese, claramente o vetor weberiano é valorizado conforme surge sua nova leitura política da URSS.

- 31 Dessa forma, um geógrafo falar sobre diferença entre quadros naturais, sociedades e lugares, não é nada espantoso, mas mesmo que Wittfogel admita que a natureza dispõe as forças produtivas, nos parece que ele, nos anos de formação, se posiciona de maneira crítica ao determinismo ratzeliano. Contudo, valorizando a tradição materialista, Wittfogel não deixa de criar uma relação fatalista entre aspectos naturais e o elemento técnico-econômico, mesmo que o trabalho humano transforme a natureza. Como demonstra Ulmen, a partir da leitura de Plekhânov, Wittfogel consegue clarificar, através do materialismo histórico e dialético, o papel dos fatores naturais no curso da história. No entanto, nos parece que ele exagera na importância desses fatores na medida em que sua obra amadurece, essencializando o despotismo oriental conforme aumenta seu grau de anticomunismo depois da revolução chinesa de 1949.

A China e o marxismo

- 32 Se Marx e Weber são referências fundamentais, ao lado deles se destaca Riazanov, um dos responsáveis pela reunião de manuscritos de Marx. Ele foi um dos autores que ressaltou a importância do modo de produção asiático para a interpretação das sociedades não europeias.
- 33 Em 1926, Korsch se torna crítico ao marxismo da URSS e a sua relação com Wittfogel se estrema. É nesse período de intenso debate teórico e produção intelectual que Wittfogel se envolve em uma outra controvérsia com B. Brecht sobre a natureza de suas peças de teatro (Ulmen, 1975: 88).⁹ No ano seguinte, em 1927, Wittfogel participa de um congresso contra a exploração colonial, na cidade de Bruxelas, onde recebe o convite para participar do Comintern, uma vez que poucos intelectuais estavam engajados na compreensão da China (Linton, 201: 12).
- 34 Paralelamente, devido à simpatia da escola de Frankfurt pela URSS e sua trajetória política, Wittfogel participa de alguns eventos neste país, sendo uma das situações mais importantes, o encontro em Moscou no ano de 1928, ocasião em que ele debate a revolução chinesa com Ludwig Madyar, S. M. Dubrosky e E. Varga (Ulmen, 1975: 86). Esse encontro é um preâmbulo para a cassação da teoria do modo de produção asiático, em função do massacre do partido comunista chinês.
- 35 Os húngaros Varga, Madyar, Papaian e Kokin, dentre a intelectualidade soviética defendem a ideia de modo de produção asiático e a especificidade do oriente. Madyar estudou a economia rural chinesa, foi membro ativo do Comintern de 1929 até 1934 e, segundo sua análise, todas as sociedades teriam passado por um período de modo de produção asiático. Tal grupo, conhecido como *Aziatchiki* dentre os intelectuais soviéticos, foram traduzidos para o chinês durante a década de 1920 e 1930 (Fogel, 1988: 60). Dubrosky, mais moderado, acreditava que o modo de produção asiático poderia ser uma variação do feudalismo ou do escravismo, mas, ainda assim, seria um modo de produção com características próprias.

- 36 Madyar, de uma forma geral, defende a ideia de que o modo de produção asiático na China estaria sendo destruído lentamente pelo capitalismo colonialista europeu. Segundo McFarlane et al. (2005: 294), sua visão se contraporia a dos trotskistas, que julgam a China já pronta para uma revolução, devido à desenvoltura do capitalismo mercantil chinês, e, portanto, a luta popular seria essencialmente “antifeudal”. Mesmo que essas duas visões tenham nuances distintas, politicamente elas foram unidas e combatidas na URSS, após a ascensão do stalinismo.
- 37 Paralelamente, o pensamento de Chayanov sobre a economia camponesa, também teria sido impulsionado pelos debates acerca do modo de produção asiático, uma vez que seu objetivo era, em grande parte, desenvolver uma teoria da economia não capitalista para compreender como o socialismo poderia apreender e desenvolver a dinâmica das aldeias rurais (McFarlane et al., 2005: 294).¹⁰
- 38 Nesse período, dentre os chineses, Li Chi acredita que a China não teve uma fase feudal, enquanto Hu Ch’iu-yüan aceita a ideia de um despotismo fundado nas aldeias, expostas à uma servidão feudal. Contudo, devido ao alinhamento com a política difundida pela URSS, grande parte dos intelectuais adota a ideia de união com a burguesia, difundida pelo Comintern, até antes do massacre do partido comunista chinês, em 1928 (Fogel, 1988: 63-65).

Rosa Luxemburgo e as sociedades não capitalistas

- 39 Aqui cabe fazer um parênteses para comentar o pensamento de Rosa Luxemburgo, caracterizada pelo próprio Wittfogel como uma de suas influências intelectuais mais importantes, ao lado de Plekhânov. Em primeiro lugar, cabe destacar que mesmo sem ter acesso a grande parte do material marxiano sobre as sociedades não-europeias, ou a outros escritos de natureza etnológica, Rosa Luxemburgo cita fontes e faz reflexões muitos próximas a Marx sobre o homem “primitivo” e as sociedades não capitalistas. Rosa foi convidada para organizar os manuscritos de Marx e Engels, atividade que declina, após realizar um trabalho preliminar, para se dedicar à atividade política. Não existem evidências que ela tenha lido as anotações de Marx, no entanto, os autores e os conteúdos do debate se assemelham (Hides, 2010: 80). O livro em que suas reflexões sobre a sociedade pré-capitalista aparecem de maneira mais explícita é a *Contribuição à economia política*, pensado inicialmente como curso para operários.
- 40 Mandel, ao prefaciar a edição que consultamos, sintetiza muito bem algumas ponderações de Luxemburgo. A autora, basicamente, admite vários pontos de vista de Marx, como, por exemplo, o fato de que é possível encontrar aldeias que funcionam como células mais ou menos autônomas e que ali a propriedade privada é coletiva, em parte, devido aos laços de sangue da comunidade. Paralelamente, a produção primitiva de valores de uso induz a comunidade à troca de produtos e, portanto, põe em evidência a lógica mercantil que resulta, através do contato dos povos, em um alargamento do rol de necessidades de consumo e da potencialidade produtiva do homem. Contudo, a independência da aldeia primitiva, no que tange à sua capacidade de autoreprodução, impede a penetração da produção capitalista, o que permite que o socialismo se aproprie dessas unidades primitivas em uma economia planificada pelo Estado (Luxemburgo, 1969: 22).

- 41 Nesse sentido, Rosa Luxemburgo ocupa um longo número de páginas para afirmar que o homem originalmente vive em uma situação de propriedade coletiva, e, que somente com o surgimento das classes sociais, ocorreria a formação da propriedade privada. Assim, Rosa ataca Grosse e defende a antropologia de Morgan, utilizada também por Marx e Engels. Ainda nessa linha de raciocínio, as formas de propriedade coletiva do capitalismo seriam o gérmen da coletividade comunista do futuro, porém Grosse, ao contrário de Morgan, quer caracterizar a história da humanidade como se o período de propriedade coletiva fosse um breve intervalo, pois a humanidade começaria e terminaria com a propriedade privada organizando as relações sociais (Luxemburgo, 1969: 138 *et passim*).
- 42 Rosa, contudo, reproduz muitas ideias presentes no pensamento marxiano e dentre os marxistas, por exemplo, ela admite que a propriedade nas sociedades asiáticas é coletiva, ou ainda sugere a existência do comunismo agrário no Peru e no México pré-colombianos (Luxemburgo, 1969: 128-134). Rosa retoma – mesmo que os *Grundrisse* fossem publicados muito posteriormente – temas desenvolvidos por Marx, nas suas elocubrações sobre os tipos de propriedade nas sociedades pré-capitalistas, ao considerar, por exemplo, o sistema germânico e seu parcelamento de terras de acordo com a linhagem familiar (Luxemburgo, 1969: 195). Paralelamente, do ponto de vista teórico, Rosa recorre a pensadores dos campos geográfico e antropológico, como F. Ratzel e Alexander von Humboldt, ou, ainda, James Frazer, para combater alguns argumentos eurocêntricos e pensar a realidade não europeia.
- 43 Da mesma forma que Marx, Rosa lê atentamente os textos de Kovalevsky, pensador russo antiimperialista e sensível ao mundo não moderno. No entanto, diferentemente de Marx, Rosa aceita a associação que Kovalesky faz entre islamismo e feudalismo, o que significa que sua expansão provocaria uma refeudalização das terras agrícolas (Hides, 2010: 84), uma hipótese que recai sob a expansão do Império Turco-otomano. Marx, apesar de ter seu interesse pelo mundo islâmico potencializado pela leitura das obras do russo, tem mais cautela e não faz essa associação diretamente.
- 44 Ao se comparar os pensamentos de Engels e Rosa, encontraremos, no entanto, uma distinção, pois enquanto Engels acredita que toda formação de hierarquização social, como a divisão do trabalho social do gênero, inicia a consolidação da propriedade privada e a dissolução da comuna primitiva, Rosa admite que apenas o escravismo tem a capacidade de fundar a propriedade privada. Para Engels, o escravismo se constitui apenas após a ascensão da propriedade privada, enquanto Rosa atrela o desenvolvimento de ambos (Hides, 2010: 84).
- 45 Ao analisar o caso indiano, Rosa admite que existe a ascensão de uma classe parasitária, geralmente de origens religiosa e administrativa, sustentada pelos camponeses, em uma explicação similiar ao modo de produção asiático. Além disso, ela admite que a irrigação, no Oriente, é um elemento fundamental para agricultura, reprodução do argumento marxiano de 1853. Para Rosa, no Oriente se consolidam regimes inicialmente teocráticos, que se perpetuam hereditariamente. Em uma bela passagem demonstra:
- Destas necessidades [do controle da água] nasceu o papel importante dos sacerdotes no Oriente: observando a natureza que acompanha qualquer religião natural, libertando-se da participação direta nos trabalhos agrícolas, eram os mais aptos para dirigir os grandes trabalhos públicos de irrigação (Luxemburgo, 1969: 223).

- 46 A comunidade agrária da aldeia ou comuna seria encontrada na Rússia, Alemanha, África, Índia e Peru (Luxemburgo, 1969: 230), sendo que essas e outras concepções são incorporadas por Wittfogel com muita intensidade. Apesar de sua simpatia pelo mundo não-europeu, Rosa classifica de comunismo primitivo todos aqueles que ainda não estão completamente incorporados ao mundo capitalista. É a destruição desse mundo que instauram a exploração e o sobretrabalho, que extrapolam as necessidades naturais do homem.

Plekhânov, a transmissão do materialismo geográfico e as disputas no mundo soviético

- 47 Não obstante, é importante frisar que Bukharin, Plekhânov, Trotsky, dentre outras lideranças políticas da URSS, incorporaram e contribuíram, de alguma forma, para o materialismo geográfico. Certamente, essa afinidade é estabelecida por Plêkahnov, que recupera Ratzel sob um viés materialista, dizendo que este último seria responsável por uma espécie de materialismo geográfico. Dessa forma, outros membros do partido defenderão que a natureza tem a capacidade de determinar alguns aspectos do desenvolvimento social, a partir dos recursos que oferece ao trabalho humano. Como vimos, é possível encontrar no pensamento marxiano alguns elementos que induzem ao determinismo, ou melhor, à noção de que a natureza tem um papel direcionador do desenvolvimento histórico das sociedades.
- 48 Apesar de tudo, é claro o fato de que Marx, de sua juventude para sua maturidade, acaba reduzindo a possibilidade de uma reconciliação completa entre homem e natureza, apostando na independência da natureza. No entanto, é difícil acreditar que Marx aceite o determinismo geográfico *tout court* (Sawer, 1977: 111), porém, Plekhânov teve um papel importante em enrijecer essa tendência, pois ele “(...) fortaleceu os elementos do determinismo geográfico que Marx herdou de Montesquieu e Hegel, e foi ele mesmo profundamente influenciado pelo trabalho de deterministas geográficos contemporâneos, Metchnikoff [sic] e Ratzel” (Sawer, 1977: 118).
- 49 Por essas influências, Plekhânov prolonga o diálogo entre marxismo e darwinismo, aceitando a postura darwino-lamarkista dos geógrafos, contudo, assim como Wittfogel, ele tende a identificar a natureza mais como algo dado e estático, do que como um conjunto material transformado pelo trabalho humano. Sawer (1977: 121) relembra que Plekhânov criticou Metchnikoff quando este demonstrou que no Egito poderíamos ter o despotismo ou uma organização social mais igualitária. Para Plekhânov, tal elucubração seria demasiadamente possibilista.
- 50 Assim sendo, mesmo que Wittfogel releve alguns aspectos do pensamento de Plekhânov, não é possível negar que ele incorpora muito de sua valorização do positivismo científico, além de sua leitura do materialismo geográfico, que é diretamente retirada de Ratzel. A leitura de Plekhânov influencia vários autores que lhe são contemporâneos na Alemanha, pois enfoca a face ecológica da relação entre homem e meio, além de ter uma visão prometéica de mundo, em que o homem, através das técnicas, consegue transformar a natureza sob dadas condições naturais.¹¹ Entretanto, ele não será o único determinista nesse período.
- 51 Trosky é um autor que incorpora completamente a hipótese do determinismo geográfico, contudo, ele incorpora o clima como elemento importante na composição

da sociedade russa. O inverno longo e a perda de produtividade a leste e a norte são condições naturais que inibem uma complexificação da divisão social do trabalho e, conseqüentemente, representam um atraso na economia (Sawer, 1977: 179).

- 52 Trotsky, por exemplo, caracterizaria a cidade asiática como não produtiva, reproduzindo a ideia de Marx, no sentido de que tais agrupamentos seriam meros acampamentos principescos. Daí se deriva a concepção que a ausência do protestantismo na Rússia e o controle rígido do Estado não permitiriam o desenvolvimento da cidade burguesa independente (Ulmen, 1975: 101). A cidade russa, assim como a chinesa, aparece como um bazar e a burguesia esparsa que daí surgiu, se alinhou, segundo Trotsky, com a aristocracia, sua principal consumidora (Sawer, 1977: 182).
- 53 Essa geografia como destino e a especificidade da cidade tem um peso na teoria da revolução permanente, uma vez que Trotsky pensa a história russa, não como um transcurso linear, mas a partir de uma perspectiva cíclica em que as revoltas camponesas não são dinamizadas pelo proletariado urbano, e acabam gerando uma novo ciclo de reformas com punições conversadoras e reacionárias. Os camponeses seriam incapazes de “(...) representar uma nova forma de produção cultural” (Sawer, 1977: 185), contudo, o atraso poderia trazer vantagens, pois a construção do socialismo na Rússia pularia uma fase democrática e originaria um processo de industrialização diferente do ocidente (Sawer, 1977: 185).
- 54 Um outro elemento importante é que, Wittfogel participou das disputas políticas dentro do Comintern e, conseqüentemente, dentro da URSS. Neste momento, ele tem uma preocupação muito grande em ser um teórico do marxismo ortodoxo, um dos motivos que o distingue de seus colegas da Escola de Frankfurt. Em meados da década de 1920, em função de seu histórico na política, Wittfogel foi convidado pelo Comintern para criar uma resolução política sobre as lutas nacionais em várias partes do mundo (Ulmen, 1978a: 84). Cabe ressaltar que, nessa época, o Comintern estava em disputa pelas diversas tendências da política internacional e Wittfogel se espantou, pois em 1925, a seção de agitação e propaganda, sob a direção de Béla Kun,¹² tinha vetado suas teorias. O texto de Wittfogel foi publicado sob o título *O despertar da China* e recebeu comentários positivos de A. Ivin no *Pravda*, um dos jornais mais importantes da URSS.
- 55 A defesa da revolução chinesa por Wittfogel aumentou seu prestígio, mas não foi suficiente para anular a ordem do Comintern, agravada pela relação de suas concepções com Fischer, um aliado de Zinoviev que agora estava isolado politicamente por seu envolvimento passado com Trotsky. Como sabemos, no ano de 1929, Stálin e seus aliados conseguem garantir sua hegemonia dentro da URSS e combatem duramente os trotskistas.
- 56 Em 1931, a URSS organiza um seminário em comemoração ao centenário da morte de Hegel e o partido comunista alemão envia Wittfogel como seu representante, uma vez que Lukács estava em descrédito devido às polêmicas provocadas pelo livro *História e consciência de classe*. Se Wittfogel vai ao congresso sobre Hegel, ele é vetado, no mesmo ano, a participar do congresso sobre modo de produção asiático que acontece em Leningrado. Nesse evento, a teoria do modo de produção asiático é oficialmente cassada e seu livro condenado (Ulmen, 1975: 89).
- 57 Antes do evento de Leningrado, no entanto, ocorrem, em 1930, sessões de debate sobre o modo de produção asiático em Tbilisi e Baku. Nesta última localidade, ocorreu o encontro na Sociedade de historiadores marxistas, sendo que, neste ano, Madyar e

Varga editam e comentam livros sobre Marx, Engels e a questão asiática. Em 1931, Papanian e Kokin,¹³ autores que se opõem à estagnação do oriente, são duramente criticados por historiadores que defendem o etapismo, enquanto Varga e Madyar não são convidados para o debate. A defesa do modo de produção asiático passa a ser visto como uma vertente política, mais do que uma posição teórica. Junto à essa orientação política se acrescentam os trotskistas, que admitiam existir condições concretas para a realização da revolução na China (Fogel, 1988: 61).

- 58 A orientação geral e vencedora do congresso de 1931 é que não existe uma divisão entre povos do oriente e do ocidente e que tal prerrogativa serve apenas à ideologia do colonialismo. Constitui-se então, de forma geral, uma equivalência entre a teoria da história para o oriente, e o ocidente solapando o excepcionalismo do modo de produção asiático. O oriente começou a ser interpretado sob a ótica do feudalismo ou do feudalismo asiático, uma orientação que perdura até 1964, momento em que a teoria será reabilitada em função da cisão sino-soviética. Independente disso, tanto em 1925, quanto em 1964, o pensamento de E. Varga sempre tem um peso importante (Sawer, 1977: 76).
- 59 Após o processo de cassação da teoria do modo de produção asiático, segundo Fogel (1988, p. 65-67), V. V. Reikhardt e Sergei I. Kovalev passam a ser os dois pensadores mais citados e debatidos na China e no Japão, mesmo que ambos gozassem de prestígio circunscrito na URSS. Sinteticamente, Reikhardt defende que o modo de produção asiático é uma variação do escravismo e Kovalev, apesar de admitir a especificidade asiática, em 1934, também assinala uma equivalência ao escravismo oriental.¹⁴ Para Kovalev, por exemplo, a sociedade grega se desenvolve a partir da desintegração veloz das relações de clã, diante do comércio com estrangeiro, das guerras e da colonização. Segundo este autor, o escravismo grego só poderia surgir em um contexto muito específico onde existe a escassez de escravos, um arquipélago de ilhas isoladas que fomenta a diferenciação social e povos “bárbaros” a serem conquistados. Essas especificidades diminuem a probabilidade de tais sociedades surgirem em outros lugares e Kovalev não descarta a possibilidade de uma estagnação escravista na Europa (Dunn, 1982: 53-54).
- 60 Como indica Dunn (1982: 22), após o desaparecimento do debate sobre o modo de produção asiático, existiu um esforço para se dirimirem as diferenças entre as sociedades pré-capitalistas, remetendo-as ao escravismo. A associação entre feudalismo e oriente reaparece com mais vigor apenas em 1933-1934, tendo I. M. Lur'e como o principal defensor dessa interpretação.
- 61 Na esteira desse debate, Kokin tenta dissociar o modo de produção asiático à figura de Trotsky, contudo, o movimento geral da historiografia soviética foi combater, de um lado, os intelectuais que vêem a história oriental dotada de uma dinâmica independente da europeia e, de outro, aqueles que admitem o oriente como portador de um excepcionalismo histórico e geográfico fruto de um exotismo mistificado (Dunn, 1982: 33).
- 62 Seria ingênuo pensar que a cassação do debate cessaria elocubrações sobre o lugar do oriente na teoria da história. Nesse contexto, V. V. Struve se dedica ao estudo do Egito e da Mesopotâmia para defender, de uma forma geral, que encontraríamos no oriente formações mais parecidas com o escravismo do que com o feudalismo. Struve, contudo, não descarta a importância, no Egito, dos trabalhos hidráulicos que formaram uma burocracia organizacional diferente da Europa. No Egito encontramos então indivíduos

que não são nem proprietários, nem podem ser servos e que, portanto, estão relegados à condição de escravidão generalizada. Contudo, Struve nunca descartou a importância da extração da renda de corvéia, taxas ou tributos por parte dos senhores de escravos na sua perspectiva do escravismo. Paralelamente, como vimos, o Egito sempre foi encarado como um estereótipo ou modelo das sociedades antigas em geral (Dunn, 1982: 43-47 e 57-58).

- 63 Mesmo que dentre os soviéticos não encontremos uma diferenciação profunda entre servidão e escravidão, muitos acadêmicos admitem que a escravidão no oriente é geral e não atributo de um indivíduo particular (Dunn, 1982: 48).
- 64 Mesmo que Marx tenha se oposto à associação que Kovalevsky faz entre a Índia mogul e o feudalismo, os soviéticos, enfocando as formas de exploração, caracterizam o feudalismo asiático a partir de suas semelhanças com o início do feudalismo europeu, com a presença de sistemas de feudos e de corvéia. No entanto, no oriente, o “senhor feudal” não exerce a função de juiz no tocante, principalmente, à justiça patrimonial (Sawer, 1977: 78-79).
- 65 Sawer (1977: 96) deixa claro que o descrédito da teoria do modo de produção asiático se relaciona diretamente com a cassação do determinismo geográfico, promovida pessoalmente por Stálin. O meio geográfico não teria um efeito “acelerador ou retardador”, uma questão que só se altera na geografia em 1963, com a controvérsia gerada por Anuchin. Descarta-se o excepcionalismo geográfico e agora a palavra de ordem era entender melhor o desenvolvimento das forças produtivas por meio de uma perspectiva histórica. Wittfogel então desacreditado, retorna ao seu país natal diante desses acontecimentos complexos que definiram o destino da URSS e do desenvolvimento de suas ciências sociais.
- 66 Quando retorna à Alemanha, Wittfogel critica a política stalinista do Comintern para a situação germânica, que associa a social-democracia ao nazismo e, em 1931, ele se recusa a ir para China para combater o fascismo (Ulmen, 1975: 89). Esse primeiro ponto sobre a política europeia é muito delicado e importante, pois com a gradativa ascensão dos partidos nazistas, algumas vertentes do Comintern defendiam que os social-democratas alemães deveriam ser os primeiros inimigos a serem combatidos, o que era certamente um tipo de retaliação a sua passividade na revolução alemã de 1919. Em 1932, ele vai para URSS cobrar um combate mais duro aos nazistas, no entanto, Stálin colocou um agenda direcionada aos problemas internos dos soviéticos, além da suspensão de tensões com outros países para organizar o exército vermelho e as condições gerais de produção. Frustrado com essa postura, Wittfogel retorna para Alemanha, onde Horkheimer e seus colegas o aconselham a fugir, mas ao tentar fazê-lo ele é preso e enviado a um campo de concentração.
- 67 Cabe destacar aqui que, enquanto seus colegas do Instituto eram mais moderados, simpaticizando com a social-democracia, Wittfogel foi uma espécie de ponta de lança no combate ao nazismo, engajando política e teoricamente contra os nazistas em ascensão. Dessa maneira:
- Foi assim que se chegou a uma situação que correspondia da melhor forma possível à estratégia de Horkheimer: Wittfogel, mantido pelo Instituto, falava e escrevia fora do quadro do Instituto sobre antissemitismo, as causas sociais e econômicas do nacional-socialismo e de seus êxitos de massa, ao passo que, na *Zeitschrift für Sozialforschung* não havia nem sequer vestígios desses temas, e os acontecimentos políticos e econômicos da época, catastróficos, só eram descritos, na maioria dos

ensaios, por conceitos quiméricos, como ‘crise’ ou ‘capitalismo monopolítico’ (Wiggerhaus, 2002: 148).

- 68 Se na URSS temos os desdobramentos de todos esses acontecimentos referentes ao modo de produção asiático, na Alemanha, Wittfogel se engaja em um outro *front* de luta teórica. Seu alvo é a geopolítica burguesa e de esquerda, um conhecimento que começava a ganhar interesse e reconhecimento de um Estado ávido pela expansão territorial e conquista de recursos.

Considerações finais

- 69 A luta teórica de Wittfogel contra a geopolítica frutifica em um importante texto (Wittfogel, 1985) que terá reverberações relevantes. Nesse artigo, vemos mais uma vez a exposição clara de seu método, a partir das prerrogativas epistemológicas que apresentamos acima. Estamos convencidos, até o presente momento, que a influência de Plekhânov imprime no seu método geográfico um vetor determinista que se apresenta com menor ou maior intensidade, dependendo das circunstâncias.
- 70 De qualquer forma, pudemos identificar a importância de Wittfogel em eventos que direcionaram o desenvolvimento do marxismo no início do século XX. Sua posição contrária à versão vencedora, consolidada pelo stalinismo, certamente contribuiu para que seu anticomunismo ganhasse força. O próprio Wittfogel afirma que o pacto Ribbentrop-Molotov foi um evento marcante para sua ruptura com o marxismo.
- 71 Por fim, gostaríamos de ressaltar que apesar d’*O Despotismo oriental* representar o ápice de sua postura anticomunista, seu método ainda guarda muitos elementos gerados na juventude. É interessante perceber que sua colaboração com o macarthismo permitiu que, nos Estados Unidos da década de 1950, ele fosse um dos únicos intelectuais a discutir livremente o marxismo e o pensamento marxiano. Mesmo na sua versão anticomunista, Wittfogel não se desloca do campo marxista, mesmo que incorpore novas referências, como a categoria de totalitarismo, as contribuições da antropologia cultural ou, ainda, a ideia de que o pensamento de Marx, na prática, conduz invariavelmente à formação de regimes autoritários. De qualquer forma, sua leitura dos marxistas e de Marx, nessa época, está direcionada completamente para reafirmar seus pontos de vista, ou seja, é uma visão seletiva que deixa de lado muitos pontos polêmicos.
- 72 De qualquer forma, esperamos poder ter demonstrado que a trajetória de Wittfogel reflete as possibilidades de surgimento de uma geografia marxista, chance histórica que foi completamente destruída pela ascensão do nazismo, que, através da geopolítica, cooptou parte do debate em torno do materialismo geográfico.
- 73 Na fase que buscamos ilustrar, encontramos ainda um Wittfogel ativo no campo da esquerda, contudo, na década de 1980, após todos os processos de denúncia que resultam em um ostracismo intelectual, alguns editores publicam os seus textos sobre a estética marxista. Os editores, no entanto, não se preocupam em pagar os direitos autorais, pois acreditavam que se autor estava morto. Talvez ele estivesse simbolicamente falecido para o público alemão e para a esquerda, mas não para a direita e para parte dos autores ligados ao pós-modernismo.

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Laure (2012). *Nos passos de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Record.
- ANDERSON, Perry (2004). *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- ANTONIO, Robert J. (1982). "Review – G. L. Ulmen. The science of society: toward an understanding of the life and work of Karl August Wittfogel" in *Telos*, nº 50, St. Louis Telos Press.
- BARON, Samuel H. (1958). "Plekhanov's Russia: the impact of the West upon an 'Oriental Society'" in *Journal of the history of Ideas*, vol. 19, nº 3.
- BASSIN, Mark (1996). "Nature, geopolitics and marxism: ecological contestations in Weimar Germany" in *Transactions of the Institute of British Geographers*, nova série, vol. 21, nº 2.
- COSTA NETO, Pedro Leão da (2007). "A concepção de política e de educação na formação do pensamento de Karl Korsch: a influência dos socialistas fabianos" in *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*.
- DUNN, Stephen P. (1982). *The fall and rise of the asiatic mode of production*. Nova York: Rutledge & Kegan Paul Ltd.
- FOGEL, Joshua A. (1988). "The debates over the asiatic mode of production in Soviet Russia, China and Japan" in *The American Historical Review*, vol. 93, nº 1, 1988.
- GELLNER, Ernest (1985). "Soviets against Wittfogel; or, the anthropological preconditions of nature marxism" in *Theorie and society*, vol. 14, nº 3.
- HINDESS, Barry e HIRST, Paul Q. (1976). *Modo de produção pré-capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- HUDIS, Peter (2010). "Accumulation, imperialism, and pre-capitalist formations" in *Socialist studies/ Études socialistes*, nº 6 (2).
- JAY, Martin (2008). *A imaginação dialética: a história da Escola de Frankfurt e do Instituto de pesquisas sociais*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- KLEINSCHMAGER, R. (1988). "Géographie et idéologie entre deux guerres" in *L'Espace Géographique*, nº 1.
- KORSCH, Karl (1966). *Marxismo e filosofia*. Porto: Edições Afrontamento, [1930].
- KRADER, Lawrence (1973). "The works of Marx and Engels in ethnology compared" in *Internacional Review of Social History*, vol. 18, nº 2, p. 223-275.
- LEVINE, Norman (1977). "The myth of the Asiatic Restoration" in *Journal of Asian Studies*, vol. XXXVII, nº 1.
- LINTON, Matthew D. (2011). *The transformation of Cain: Karl August Wittfogel's american acculturation and the Cold War, 1934-1963*. Massachusetts: Tese de mestrado pela Brandeis University.
- LÖWY, Michael (2014). *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo editorial.
- LUXEMBURGO, Rosa (1969). *Introdução à economia política*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- MEISNER, Maurice (1963). "The despotism of concepts: Wittfogel and Marx on China" in *The China Quarterly*, nº 16, p. 93-111.

- MOLNAR, Miklós (1975). *Marx, Engels et la politique internationale*. Paris: Gallimard.
- MOURA, Mauro C. B (2008). “O lugar do Oriente em Marx e a concepção staliniana dos cinco estágios” in ROIO, Marcos del (org.) *Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros*. São Paulo: Ícone editora e Oficina universitária – Unesp.
- PALERM, Angel (1978). “Sobre el modo asiático de producción y la teoria de la sociedad oriental: Marx y Wittfogel” in ULMEN, G. L. (ed.). *Society and history – essays in honor of Karl August Wittfogel*. Paris/Nova York: Mouton Publishers.
- PEET, Richard (1988). “Wittfogel on the nature-society dialectic” in *Political Geography Quarterly*, nº 7.
- PERRY, Peter J. (1988). “Thirty years on: or, whatever happened to Wittfogel” in *Political Geography Quarterly*, vol. 7, nº 1, p. 75-83.
- PLEKHÁNOV, G. V. (1923) “М. И. Мечников (некролог)” in *СОЧИНЕНИЯ*. Moscou / Petrogrado: ГОСУДАРСТВЕННОЕ ИЗДАТЕЛЬСТВО [1888].
- _____. (1891) “Die zivilisation und die grossen historischen Flüsse” in *Die Neue Zeit*, nº 14.
- PRICE, David H (2008). “Materialism’s free pass: Karl Wittfogel, McCarthyism, and the ‘bureaucratization of guilt’” in DUSTIN, M. Wax (org.) *Anthropology at the dawn of the Cold War: the influence of foundations, mccarthyism and the CIA*. s.l. : Universidade de Michigan.
- ROIO, Marcos del (org.) (2008). *Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros*. São Paulo: Ícone editora e Oficina universitária – Unesp.
- SAUSHKIN, Yu (1963). “The geographical environment of Human Society” in *Soviet Geography*, vol. 4, nº 10.
- SAWER, Marian (1977). *Marxism and the question of the asiatic mode of production*. The Hague: Martinus Nijhoff.
- SHIOZAWA, Kimio (1965). “Les historiens japonais et le mode de production asiatique” in *La Pensée*, nº 122.
- SILVA, Altiva B da (2007). “A renovação da geografia na Alemanha nas primeiras décadas do século XX” in *Revista Acta Geográfica*, ano I, vol. 1.
- SMITH, Niel (1987). “Rehabilitating a renegade? The geography and politics of Karl August Wittfogel” in *Dialectical anthropology*, nº 12.
- SOFRI, Gianni (1977). *O modo de produção asiático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- STEWART, Julian H (1978). “Imitation of a research trend: Wittfogel’s irrigation hythesis” in ULMEN, G. L. (ed.). *Society and history – essays in honor of Karl August Wittfogel*. Paris/Nova York: Mouton Publishers.
- THERBORN, Göran (2012). *Do marxismo ao pós-marxismo?* São Paulo: Boitempo.
- TUATHAIL, Gearóid Ó (1996). *Critical geopolitics*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ULMEN, G. L. (ed.) (1978). *Society and history – essays in honor of Karl August Wittfogel*. Paris/Nova York: Mouton Publishers.
- _____, G. L (1978a). *The science of society – toward an understanding of the life and work of Karl A. Wittfogel*. The Hague: Mouton publishers.
- _____, G. L (1975). “Wittfogel’s science of society” in *Telos*, St. Louis, Telos press, nº 24.
- WIGGERHAUS, Rolf (2001). *A escola de Frankfurt*. São Paulo: Editora Record.

WITTFOGEL, Karl A (1985). “Geopolitics, geographical materialism and marxism” in *Antipode*, vol. 17, nº 1, p. 21-75 [tradução para o inglês de G. L. Ulmen].

_____. (1969). “Results and problems of the study of oriental despotism” in *The journal of Asian studies*, Association for Asian studies, vol. 28, nº 2.

_____. (1968). “Lettre au lecteur” in WITTFOGEL, *Les despotisme oriental*. Paris: Les Éditions de Minuit.

_____. (1966). *Despotismo oriental: estudio comparativo del poder totalitario*. Madrid: Ediciones Guadarrama.

_____. (1964). *Les despotisme oriental*. Paris: Les Éditions de Minuit.

_____. (1956). “The hydraulic civilizations” in THOMAS JR. William L. (org.). *Man’s role in changing the face of the Earth*. Chicago: The University of Chicago Press.

_____. (1957). *The oriental despotism*. New Haven e Londres: Yale University Press.

WITTFOGEL, Karl A. e CHIA-SHENG, Feng (1949). “History of chinese society Liao (907-1125)” in *Transactions of the American Philosophical Society*, nova série, vol. 36.

NOTAS

1. Apresentamos aqui o capítulo adaptado de um estudo maior intitulado *A revolução asiática e o renegado Wittfogel*, em que almejamos estudar a natureza e o impacto intelectual da obra mais importante de Wittfogel, *O despotismo oriental* de 1957. Para esta versão, agradecemos a Gustavo Pietro e Marcos Xavier pelas indicações e comentários.
2. Ao consultar sua ficha de aluno é possível verificar que ele passou por Leipzig, Munique e Berlim (<http://matrikel.uni-rostock.de/id/200013356>). Acessado em 01/04/2015.
3. Em Jena, Korsch participou do Círculo Sera, grupo que se inspirava em Jean Jaurés, na Sociedade Fabiana e em Henri de Man.
4. Bernstein, por exemplo, indicado como o pai do revisionismo marxista havia se aproximado intelectualmente dessa corrente.
5. Também conhecida como Terceira Internacional Comunista.
6. O orientalista marxista Maxime Rodinson ataca frontalmente essa concepção de Weber ao analisar a sociedade muçulmana, e Anderson (2004: 502) acrescenta: “(...) a vocação de comerciante e manufator era sancionada pelo Corão, que jamais dissociou o lucro da fé”.
7. Segundo Löwy, participam, ainda, F. Tönnies, W. Sombart, G. Simmel, A. Weber. R. Michels, E. Troeltsch, P. Honigsheim, F. Gundolf, E. Lask, K. Jaspers e, futuramente, engajados no campo da esquerda, G. Lukács, Ernst Bloch e E. Toller.
8. Apesar de Lukács aceitar mal o trabalho de Wittfogel, ele não deixa, em uma fase mais avançada de sua carreira, de defender a ideia que a análise da China poderia revelar a passagem do modo de produção asiático para o capitalismo (Sawer, 1977: 76).
9. É curioso ressaltar aqui que Lukács, na juventude, ainda como estudante, participa do grupo teatral Thalia.
10. Mesmo o geógrafo soviético Anuchin, que defendeu a tese do determinismo geográfico após 1964, teve um papel importante em também combater a linearidade dos modos de produção (McFarlane et al., 2005: 298).
11. Sobre o assunto ver Bassin (1996).
12. Kun, em 1919, estabeleceu um regime comunista na Hungria que durou um curto período. Nesse regime Lukács ocupa um cargo político.

13. Esses autores escrevem *Ching t'ien: a estrutura da agricultura da China antiga*, um trabalho desenvolvido no Instituto Leningrado de Estudos Orientais (Sawer, 1977: 94).

14. Fogel (1988) desenvolve muito detalhadamente as posições dos chineses e, principalmente dos japoneses no entre guerras. Surgem posições muito distintas e complexas, incrementadas pela chegada de textos dos *aziatchiki* e a transcrição dos debates de 1931, realizados em Leningrado. Alguns intelectuais japoneses vêem o modo de produção asiático como a primeira formação em que surge a luta de classes, outros defendem que ele é essencialmente feudal, outros admitem que ele seria tanto feudal, quanto escravista. Outros ainda acrescentam que ele não seria exclusivo da Ásia. O fato é que, no Japão, a ideia de modo de produção serviu como metáfora de um suposto atraso social, como ressaltamos, entretanto, o debate teórico e político que ele suscitou ecoou na mentalidade de que era necessário construir um império japonês. Mesmo que esse debate tenha sido barrado às vésperas do início da Segunda Guerra Mundial, após o conflito, ele inspirou uma discussão marxista-weberiana sobre a dinâmica das comunidades locais. Paralelamente, é importante ressaltar que na URSS o feudalismo era comumente caracterizado a partir da existência de uma renda feudal e não de instituições políticas e jurídicas similares às europeias (Hindess e Hirst, 1976: 218).

RESUMOS

Neste artigo, buscamos recuperar a trajetória intelectual e as origens sociais de Karl August Wittfogel. Tentamos demonstrar como seu círculo social, seus debatedores mais controversos, bem como a forte influência intelectual de Rosa Luxemburgo e Plekhânov, forjam aspectos importantes de seu método de investigação. Finalmente, abordamos seu processo de inserção e cassação no ambiente político e intelectual da URSS.

In this article, we seek to recover the intellectual history and the social origins of Karl August Wittfogel. We try to demonstrate how his social circle, his most controversial debaters, as well, the strong intellectual influence of Rosa Luxemburg and Plekhanov forge important aspects of his research method. Finally, we show his insertion process and withdrawal in the political and intellectual arena of the USSR.

En este artículo, tratamos de recuperar la historia intelectual y los orígenes sociales de Karl August Wittfogel. Tratamos de demostrar que su círculo social, sus polemistas más controvertidos y la fuerte influencia intelectual de Rosa Luxemburgo y Plejánov forjan aspectos importantes de su método de investigación. Por último, nos dirigimos a su proceso de inserción y desaparición en el clima político e intelectual de la URSS.

Dans cet article, nous cherchons à récupérer l'histoire intellectuelle et les origines sociales de Karl August Wittfogel. Nous essayons de démontrer comment son cercle social, ses débatteurs les plus controversés et la forte influence intellectuelle de Rosa Luxemburg et Plekhanov forgent des aspects importants de sa méthode de recherche. Enfin, nous abordons son processus d'insertion et de disparition dans l'ambiance politique et intellectuelle de l'URSS

ÍNDICE

Índice geográfico: Alemanha, URSS, China

Mots-clés: Wittfogel, le matérialisme géographique, Rosa Luxemburg, Plekhanov, Lukács.

Índice cronológico: 1900-1940

Palavras-chave: Wittfogel, materialismo geográfico, Rosa Luxemburgo, Plekhânov, Lukács

Keywords: Wittfogel, geographical materialism, Rosa Luxemburg, Plekhanov, Lukács

Palabras claves: Wittfogel, materialismo geográfico, Rosa Luxemburgo, Plejánov, Lukács

AUTOR

BRENO VIOTTO PEDROSA

Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Doutor em Geografia

Humana pela Universidade de São Paulo

brenoviotto@hotmail.com